

# A FABRICAÇÃO DOS MITOS: CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO POLÍTICO-HERÓICO DE CAMACAN

*Renato Zumaeta Costa dos Santos*<sup>1</sup>  
Professor da Educação Básica  
E-mail: zumaetacosta@yahoo.com.br

**Palavras-chave:** Camacan. Política. Poder. Identidade.

## 1.1 Camacan<sup>2</sup>: Origens do processo de ocupação territorial

Estamos vivendo os últimos instantes da nossa influência, como desbravadores (JORNAL DA BAHIA, 1978, p. 5).

Assim, em 29 de agosto de 1978, escreveu o *Jornal da Bahia*<sup>3</sup>, veículo informativo de circulação estadual que fez a cobertura jornalística da visita do então governador baiano, Roberto Figueira Santos, ao município de Camacan, naquela data. Festividades e inaugurações – tratava-se do período de comemorações pelos dezessete anos de emancipação política – movimentavam a pequena urbe, cuja população era de 25.211 habitantes (IBGE, 1978, p. 98). O referido encarte, de oito páginas, publicou um breve levantamento histórico da cidade, entrevistas com os descendentes dos fundadores de Camacan e matérias que repetiam os discursos dos colonizadores, políticos e “heróis” da história camacanesa.

A declaração na epígrafe deste trabalho, retirada daquela reportagem, era de Boaventura Ribeiro de Moura ou “Boinha”, como ficou popularmente conhecido. Ele foi o primeiro prefeito de Camacan (1963-1966) e influenciou decisivamente as eleições dos dois prefeitos que o sucederam.<sup>4</sup>

A fala de Boaventura Ribeiro de Moura sugere, inicialmente, a seguinte reflexão, entre outras possíveis: por que o tom de despedida da fala do ex-prefeito perante o seu reduto

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Pós Graduação Lato Sensu em História do Brasil da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/BA) e Professor de História na Rede Estadual do município de Camacan, BA.

<sup>2</sup> Camacan é um município do Estado da Bahia e está situado na microrregião sul. Parte de sua história política é objeto de estudo deste trabalho.

<sup>3</sup> O *Jornal da Bahia* foi um periódico brasileiro da cidade de Salvador, que circulou entre 1958 e 1994. Foi, por muitos anos, um veículo progressista, ligado à esquerda, que fez história na imprensa da Bahia.

<sup>4</sup> Os prefeitos que sucederam Boaventura Ribeiro de Moura foram, respectivamente, Eutácio Carlos Araújo (1967-1970) e Flaviano de Jesus Filho (1971-1972).

político? Na mesma direção, vale ponderar: de onde veio, então, o poder e o “status” de desbravador com o qual o mesmo se identificava? Acreditamos que vale, inicialmente, ponderarmos acerca da atuação dos chamados “desbravadores” nas origens da formação de Camacan como cidade.

Para melhor entendimento, é preciso deixar claro que no período inicial da formação político-administrativa de Camacan, entre 1961 até 1973, o poder local fora liderado pela família Ribeiro de Moura. Alguns dos membros dessa família ocuparam lugar de destaque nas decisões sobre o destino da política camacanense e da constituição urbana da cidade.

Assim, esse trabalho discute a relação entre o mandonismo político<sup>5</sup> da família Ribeiro de Moura com a consolidação daquela cidade. Este quadro relaciona-se às antigas “raízes” que remontam ao final do século XIX, uma vez que a referida família aparece nos principais relatos e documentos acerca de expedições de plantio das primeiras roças de cacau e da ocupação desta microrregião camacanense, como nos mostra a reportagem do Jornal da Bahia, a seguir:

Cada um conta a história e, em cada relato, fica evidente o orgulho dos pais e a justificativa que todos têm para o apego à terra. Somando-se tudo e observando a chamada árvore genealógica, é sensível o fato de que tudo se resume à família Moura Ribeiro (JORNAL DA BAHIA, 1978, p. 5).

O resultado daquele processo aponta-nos para a “glória” dos referidos “desbravadores” que foram consagrados pela história camacanense, registrada através dos relatos orais e escritos da memória oficial do município. Seus feitos foram eternizados com a avidez da sociedade sul-baiana em produzir um passado emérito e glorioso. Suas ações foram consagradas por gerações, até serem absorvidas como prelúdio de sua própria identidade. Na citação abaixo, a consagração dos feitos dos “desbravadores” vem à tona:

1889 é o ano em que Camacan foi fundada, o mesmo ano da Proclamação da República. Naquela época a família de João Elias Ribeiro morava na região do Rio Pardo, Canavieiras. Segundo contam, era uma família respeitada, corajosa, determinada e com uma visão de progresso. [...] João Elias Ribeiro [...] nasceu em Canavieiras em 20 de julho de 1842 e casou-se em 1872 com a Sra. D. Carolina Ribeiro. [...] Os grandes pioneiros e desbravadores das terras de Camacan são seus filhos e podemos citá-los com destaque: Antonio Elias Ribeiro, João Ribeiro Vargens e Boaventura Elias Ribeiro (JORNAL INFORMATIVO CIDADE, 2005, p. 05).

---

<sup>5</sup> Estamos utilizando o termo mandonismo político na perspectiva assinalada por: CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 26 jun. 2010.

As repetições direcionadas à população local anualmente,<sup>6</sup> como assinalada acima, nos mostram que os descendentes de um agricultor da cidade de Canavieiras, Leandro Ribeiro, foram então considerados pioneiros e “desbravadores” do município de Camacan. Contudo, esse sobrenome Ribeiro recebeu a inclusão de outros nomes que fazem parte do ‘quadro simbólico-glorioso’ da memória camacanesa, através de adaptações nominais e casamentos. As incorporações deram origem aos troncos Vargens e Moura.<sup>7</sup>

Deste modo, é possível perceber que o início da ocupação do território de Camacan se deu por uma única família, e não por três famílias como vinha sendo apontado pelos estudos sobre esta região.<sup>8</sup> O fato é que houve um considerável domínio da família Ribeiro, ora como Ribeiro Vargens, ora como Ribeiro de Moura, ou ainda como Ribeiro simplesmente. O próprio núcleo urbano atual de Camacan está situado exatamente entre a Fazenda Camacan e a Fazenda João Elias Ribeiro (propriedades das referidas famílias) e ocupam terras que pertenciam àquela primeira – daí o nome da cidade.

Dessa forma, entendemos que as imagens, símbolos e o senso da “identidade” camacaneses são construções produzidas por uma elite agrária/política local, que manteve por um longo período os mecanismos de consolidação e preservação da sua hegemonia nesta região. As narrativas acerca da importância da atuação dos “desbravadores” assinalaram nesta direção. Entretanto, também permitem acompanhar como os interesses econômicos e sociais de uma família e/ou grupo social atuaram na distribuição político-administrativa que formaram algumas das cidades da região, como foi o caso de Camacan.

---

<sup>6</sup> As informações a respeito dos discursos e imagens que se repetiram e continuam se repetindo sobre a formação da identidade camacanesa foram obtidas com base nos textos do encarte especial do Jornal da Bahia, já referido neste capítulo; em entrevistas; estudos monográficos; e nas publicações produzidas, sobretudo, no período das comemorações pela emancipação política de Camacan, conforme os informativos anuais da Prefeitura Municipal; da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira – CEPLAC e do Banco do Nordeste, que evocavam, exaustivamente, o passado glorioso dos sujeitos “construtores” da cidade em seus textos.

<sup>7</sup> João Elias Ribeiro (um dos netos de Leandro Ribeiro) foi um exemplo disso. Conforme o relato da própria família, o médico João Elias teria incorporado o nome ‘Vargens’ a si próprio, no período em que se graduava em Salvador. Outro exemplo de incorporação de novos nomes aos descendentes dos Ribeiro vem de Ana Ribeiro. Neta de Leandro Ribeiro e irmã do médico João Ribeiro ‘Vargens’ ela casou-se com um comerciante sergipano, Joviano Pinheiro de Moura. Do casamento, realizado em 1910, no município de Canavieiras, tiveram nove filhos, dentre eles estava Boaventura Ribeiro de Moura, que veio a ser o primeiro prefeito de Camacan, em 1963.

<sup>8</sup> Entre esses estudos, podemos destacar os trabalhos acadêmicos de Charles Nascimento de Sá, *Os Intelectuais e a Emancipação Política de Camacan* (Monografia, Ilhéus: UESC, 2000) e *Festa da Cidade: cultura e turismo na periferia do cacau* (Dissertação de Mestrado, Ilhéus: UESC, 2003); além dos estudos monográficos de Valdirene Silva Guimarães, *Um Olhar Sobre a Cidade: Camacan 1953 – 1964* (Ilhéus: UESC, 2001) e David Silva Rodrigues, *Origens do Processo de Ocupação do Território de Camacan* (Ilhéus, UESC, 2003).

## 1.2. Família Ribeiro de Moura: construção do poder político e da cidade

As origens do processo de ocupação do território de Camacan apresentam uma grande concentração de poder e terras dos membros da família Ribeiro e seus respectivos desdobramentos nominais, Vargens e Moura. Contudo, após o falecimento do antigo líder político daquela região, Dr. João Vargens, em dezembro de 1944 (COSTA, 1963), abriu-se o caminho para o surgimento de uma nova liderança política para Camacan. Esse comando foi exercido por seus descendentes, sobretudo, o tronco familiar Moura, como veremos adiante.

A Tabela 1, a seguir, ajuda-nos a compreender o quanto significativo foi o crescimento demográfico da região de Camacan e Pau-Brasil<sup>9</sup> na década de 1940. Esse crescimento resultou, possivelmente, da fixação de trabalhadores diretos e indiretos no povoado que ali se formou, conforme podemos observar dos dados daquele período, na referida tabela.

**Tabela 1 – Taxa de crescimento demográfico nos municípios da região cacaeira.**

Municípios	Taxas de crescimento anual (em %)			
	1940-50	1950-60	1960-70	1970-80
Camacan	8,72	3,38	1,56	5,83
Itabuna	3,40	4,54	3,95	2,94
Pau-Brasil	9,08	5,19	2,85	2,04
Ubatã	4,68	5,44	3,51	2,94
Una	2,03	4,72	2,17	5,36

**Fonte:** SILVA, Sylvio C. B. de Mello et al. *O subsistema urbano regional de Ilhéus-Itabuna*. 1987, p. 124.

Segundo Sá (2003), a partir de 1953, com a elevação do povoamento à categoria de distrito, a revolta contra a administração municipal de Canavieiras ganhou força. Apesar da elevação de “status” em Camacan, as condições socioeconômicas da população eram

<sup>9</sup> O município de Pau-Brasil encontra-se muito próximo (22 km) de Camacan, por essa razão, talvez, também tenha acompanhado o crescimento dessa microrregião.

precárias (casas de madeira, esgotos a céu aberto, falta de água encanada, calçamento e rede elétrica).<sup>10</sup>

Com uma população crescente e, ainda, uma produção de cacau em processo de expansão, a emancipação política se aproximou. “A contribuição de Camacan para com Canavieiras, nesse período, já ultrapassava a arrecadação dessa última, de acordo com os discursos dos vereadores [canavieirenses] desse período” (SÁ, 2003, p. 28).

As informações acima nos permitem considerar acerca de algumas razões pelas quais surgia o forte desejo de se buscar a autonomia política daquele distrito, frente à sua sede, Canavieiras. A partir do falecimento do Dr. João Vargens, a ausência de um líder centralizador das ações políticas-administrativas tornou-se ainda maior. Sobre essa questão, não será demais aqui destacar uma passagem do estudo de Maria Joaquina Moura Pinto (2004), sobre o recém-formado povoado de Camacan:

Com a morte de João Vargens, surgiu uma lacuna no mundo político desta Região, um vazio. [...] Mas, o amadurecimento político da Região não se fez tardar, surgindo nos irmãos Moura os novos herdeiros da política local de João Vargens, por sinal também netos do patriarca João Elias Ribeiro (PINTO, 2004, p. 90).

Em Camacan, outro fator também tornou-se determinante: a construção e a definição da identidade social local. A valorização da liderança de João Ribeiro Vargens passou a definir fronteiras, através da identificação direta dos novos sujeitos inseridos naquela lógica política. Como vimos na citação acima, os Moura assumiram aquela herança, formando um elo com a história passada através da forte assimilação da memória do seu antecessor e guia político.

É importante considerarmos que a formação de um líder, aquele que representa um grupo e, posteriormente, é classificado como “herói”, tem seu momento oportuno especialmente em situações de crise histórica conjuntural.<sup>11</sup>

Nos momentos de ruptura do ritmo histórico da continuidade e da normalidade, o grupo social tende a necessitar de um novo tutor, de um novo

---

<sup>10</sup> Quanto a essas informações, foi de grande importância para a leitura da obra: *Os Intelectuais e a Emancipação Política de Camacan*. Monografia, Ilhéus: UESC, 2000, especialmente o seu capítulo I: “Camacan”.

<sup>11</sup> Para essas conclusões, foram relevantes as leituras do capítulo “A fabricação do carisma: a construção mítico heróica na memória republicana gaúcha”. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. p. 141-160. E, ainda, “Para uma introdução ao imaginário político”. In: GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 09-24.

guia, que possa construir em torno de si um imaginário político que permita a compreensão da inteligibilidade perdida (FELIX, 1998, p. 143).

Essas considerações nos levam a identificar a figura de João Vargens com a que foi elevada à condição de líder e “herói” em Camacan. Ele passou a simbolizar a identidade do grupo e, de certa maneira, “guiar” os passos futuros. Assim, é preciso lembrar que, mesmo com os novos líderes, a imagem do Dr. João Vargens era cultuada e constantemente homenageada.

Para reforçar a ‘imortalidade’ do sujeito ‘herói’, os discursos dos jornais passaram a destacá-lo, deixando transparecer as virtudes pessoais, morais e políticas daquela personalidade, como nos mostra a Figura 1, abaixo. Além da difusão jornalística, a criação de símbolos (como monumentos) tendem a intensificar a presença do herói, como vemos na Figura 2, a seguir.



**Figuras 1 e 2** – Detalhe do encarte especial do Jornal da Bahia, de 1978, destacando a figura de João Vargens como político. Ao lado, colorida, a imagem do busto de Dr. João Vargens, localizada em praça homônima, na principal avenida de Camacan, que também tem o seu nome.

Fontes: JORNAL DA BAHIA, 1978, p. 04; e fotografia do acervo do autor, 2009.

É válido destacar um trecho da entrevista concedida por Boaventura Ribeiro de Moura, em 1999, à pesquisadora Maria Joaquina Moura Pinto (2004, p. 91): “O cidadão da

cidade recém-criada era um indivíduo diferente do homem rural, habitante do município há décadas. Os urbanos eram bem mais recentes, sem nenhum vínculo de tradição dos rurais”.

Nesta passagem, Boaventura Moura (PINTO, 2004) recorre, talvez, ao discurso de identificação com seu território e com a história que considera do seu povo. Podemos perceber, em suas palavras, que havia um grupo pioneiro pré-estabelecido. Os demais habitantes não faziam parte do mesmo por terem chegado depois, quando a posse inicial já havia sido constituída. Sobre essa identidade de grupo, a historiadora Loiva Otero Félix (1998) nos chama a atenção:

[...] ao definir a identidade dos seus iguais, automaticamente define, nas suas fronteiras, os excluídos – os oponentes ao seu modo de ser e perceber o mundo social – aqueles que não têm uma memória comum e não possuem a legitimidade social do grupo em questão (FÉLIX, 1998, p. 144).

O mito político<sup>12</sup> João Vargens fez seu grupo sucessor. A família Ribeiro de Moura passou, então, a liderar o movimento em prol da emancipação política do município. Um plebiscito foi realizado no dia 11 de junho de 1961, com a permissão do então governador da Bahia, o senhor Juracy Magalhães, para que a população expressasse sua vontade em relação à emancipação. A votação trouxe resultado favorável à municipalização do distrito. Assim, todo o trabalho dos articuladores do movimento pró-emancipação foi configurado em 31 de agosto de 1961, através da Lei Estadual nº. 1.465 daquele ano, e publicado no Diário Oficial do dia seguinte. As eleições para prefeito ocorreriam um ano depois (SÁ, 2000).

É importante destacarmos uma valiosa informação a respeito da participação da família Moura nesse processo. José Ribeiro de Moura, irmão de Boaventura Ribeiro de Moura, tornou-se suplente de deputado estadual pelo Partido Social Democrático - PSD, 1959-1963, assumindo o cargo por diversos períodos na Assembléia Legislativa da Bahia, em Salvador.<sup>13</sup> O periódico *Diário de Itabuna*, que noticiava com frequência as informações e decisões do movimento emancipacionista de Camacan, também registrou esta articulação política, em 20 de janeiro de 1958:

[...] em meio a aclamações gerais, foi lançada a candidatura do Sr. José Ribeiro de Moura a deputado estadual. [...] Vários amigos deste fizeram uso

---

<sup>12</sup> Para este trabalho, o conceito de mito é utilizado através de dois entendimentos: “o mito político é fabulação, deformação ou interpretação objetivamente recusável do real. Mas, narrativa legendária, é verdade que ele exerce também uma função explicativa, fornecendo certo número de chaves para a compreensão do presente” (GIRARDET, 1987, p. 13).

<sup>13</sup> Informação retirada dos arquivos da Assembléia Legislativa da Bahia, disponível no sítio oficial desta instituição: <<http://www.al.ba.gov.br/v2/biografia.cfm?varCodigo=570>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

da palavra hipotecando-lhe solidariedade e integral apoio, uma vez que todos estamos certos de que o mesmo despreendimento (sic) e a mesma coragem que o Sr. José Ribeiro de Moura têm demonstrado na luta emancipacionista, caracterizarão a sua atuação na assembléia legislativa do Estado da Bahia (DIÁRIO DE ITABUNA, 20 jan. 1958, p. 06).

Essas informações nos permitem considerar a proximidade dos Moura com o poder político estadual, que pode ter contribuído significativamente para a assinatura do projeto de lei que emancipou Camacan, em 1961. A imagem do Deputado José Moura (Figura 3, abaixo) junto ao Governador da Bahia, em exercício, Orlando Moscoso, no momento da assinatura da lei, foi reproduzida com exaustão nos jornais da região e continua sendo publicada, principalmente no período das comemorações desta data, anualmente, como reforço da memória desta família e conscientização do valor ‘heróico’ atribuído à mesma.



**Figura 3** – Deputado Estadual José Ribeiro de Moura (à esquerda) ao lado do Governador da Bahia, em exercício, Orlando Moscoso, no ato da assinatura do Projeto de Lei Estadual 1.465/61 que emancipou o antigo distrito de Camacan.

*Fonte:* INFORMATIVO CIDADE, 2005, p. 06.

A partir daquela assinatura, o novo município ganhou autonomia e o quadro político foi ocupado pelo grupo que liderou o movimento de emancipação.<sup>14</sup> Possivelmente, para a família Moura, nada poderia representar seu poder econômico e político, de melhor forma: era

---

<sup>14</sup> O grupo político que nos referimos foi liderado pela família Ribeiro/Vargens/Moura (Cf. SÁ, 2000).



Boaventura Ribeiro de Moura o principal candidato a prefeito de Camacan. Ocorridas as eleições, ele assumiu a prefeitura em 1963 e perpetuou o seu dirigismo político por uma década.

Camacan, ainda na década de 1960, poderia ser considerada como local estratégico. Sobretudo por sua forte economia dentro da região produtora de cacau. A Tabela 2, abaixo, nos apresenta dados importantes para uma cidade recém-formada. Superava Itabuna – cinquenta anos mais antiga – em número de fazendas, e seguia bem próxima, no quesito produção, de Itajuípe e da própria Itabuna. Com apenas quatro anos de emancipação política, Camacan despontava na quarta posição em produção de amêndoas de cacau na região, com seiscentas e trinta e nove fazendas implantadas. Vale lembrar que a CEPLAC<sup>15</sup> havia inaugurado seu escritório regional no novo município, no ano de 1964.

**Tabela 2 – Produção de Cacau em arrobas (@) por Município (1965)**

Município	Número de Fazendas		Áreas médias (hectares)		Produção(@)
	Absoluto	% regional	Fazendas	Cultivadas	Total
Ilhéus	1.131	9,1	73	35	1.164.297
Itabuna	615	5,0	70	51	811.777
Itajuípe	526	4,2	49	34	638.188
Camacan	639	5,1	69	33	602.406
Uruçuca	336	2,7	87	45	497.464

*Fonte:* SANTOS, Renato Zumaeta Costa dos. Cacaucultura: A Ceplac e a Vassoura de Bruxa em Camacan. *Cadernos do CEDOC*, Ilhéus, Editus - UESC, v. 8, p. 145, 2007.

Por isso, é provável que a família Moura tenha se preocupado em reter o poder político de Camacan, pois esta já apresentava fortes indicadores econômicos com potencial para tornar-se um importante centro do sul da Bahia. As decisões políticas seriam tomadas pelo grupo que governasse a prefeitura da cidade e, conseqüentemente, os destinos do município seriam, assim, deliberados.

Vale lembrar que a área urbana estava localizada em propriedades do grupo familiar Ribeiro-Vargens-Moura. As áreas dos distritos, também. A possibilidade de crescimento

<sup>15</sup> Sobre o processo de implantação do escritório da CEPLAC em Camacan, ver o estudo monográfico de Luiz Cláudio Zumaeta Costa; *Sociedade e Economia: A presença da CEPLAC em Camacan (1964-1974)*.

acelerado, provavelmente, gerou apreensão naquelas famílias, pois acarretaria a perda de territórios das suas respectivas fazendas para o processo de expansão urbana. Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no ano de 1960, Camacan já possuía 19.698 habitantes.<sup>16</sup>

Além disso, o local era carente de muita infra-estrutura: estradas, pontes, energia elétrica, educação, saúde e saneamento básico ainda eram sonhos da população na década de 1960 (SÁ, 2000). Não somente para o núcleo urbano, mas, sobretudo, para as fazendas, a introdução desses recursos garantiriam benefícios na mesma proporção. Portanto, é possível avaliar que, para essas famílias, foi preciso acompanhar de muito perto as decisões sobre a cidade, já que, as mesmas, poderiam produzir reflexos em suas propriedades – latifúndios limítrofes do núcleo urbano camacanesse.

Nas eleições municipais seguintes, ocorridas em 1966 e 1970, saíram-se vencedores os candidatos apoiados pelo grupo da família Moura, respectivamente, os senhores Eutácio Carlos Araújo e Flaviano de Jesus Filho, demonstrando o continuísmo daquele grupo no poder local. Essa permanência, possivelmente, foi bastante significativa para a continuidade da construção dos símbolos que formavam o imaginário político sob as imagens dos seus ancestrais “desbravadores”.

Em 1972, com a eleição do padre Auxêncio Costa Alves, houve um rompimento do continuísmo da família Moura no poder. Essa ruptura representou um duro ‘golpe’ nas forças políticas tradicionais. Porém, ao fim deste mandato, os principais mandatários (leia-se: família Ribeiro de Moura) retomaram o poder político com a eleição de Luciano José de Santana.

De 1977 a 1982, a gestão de Luciano Santana marcou pela instituição da ‘Festa Camacan e o Cacau’, em comemoração à data de emancipação política do município. A festa tinha por objetivo realizar uma comemoração que fizesse jus ao porte econômico de Camacan. Festas, danças, músicas, diversão e palestras passaram a ser realizadas todos os anos a partir de 1977.

Na comemoração seriam lembrados ainda o cacau, os pioneiros, os líderes, as figuras mais proeminentes e o governador. O prefeito e seus correligionários pretendiam promover um acontecimento único para enaltecer a emancipação e perpetuar na memória da população a imagem dos fundadores da cidade, consolidando a identidade social e cultural de Camacan.

---

<sup>16</sup> Dados retirados da tabela “Balanço Demográfico do Município de Camacan entre 1960 e 2000”. In: SANTOS, Renato Zumaeta Costa dos. *Cacaucultura: A Ceplac e a Vassoura de Bruxa em Camacan. Cadernos do CEDOC*, Ilhéus, Editus - UESC, v. 8, p. 169, 2007.

O trabalhador rural pela primeira vez seria lembrado, com a ‘quebra’ do cacau. Esse evento também faz parte das comemorações do aniversário de Camacan e transferiu um dos momentos da colheita do cacau das propriedades para a praça pública. Várias duplas de trabalhadores, representando seus respectivos patrões e fazendas, precisavam quebrar a maior quantidade de cacau em menor tempo. A dupla vencedora recebe um prêmio em dinheiro e o status de mais velozes e eficientes naquela função. Contudo, essa premiação repercutia positivamente e em maior escala para a fazenda que eles trabalhavam e, principalmente, para o seu proprietário.

Assim, uma bancada política assegurou-se no poder, através da ‘fabricação’ de um discurso que a apresentava como grupo da maioria. Este processo, que começou desde o final do século XIX com as primeiras plantações de cacau no território de Camacan, atingiu seu ápice quando foram consagradas aos irmãos Ribeiro de Moura as glórias pela emancipação e dirigismo político de Camacan, especialmente no período da ‘Festa Camacan e o Cacau’.

Este trabalho, portanto, propõe um esforço inicial de: analisar, através dos documentos e imagens apontadas no texto, as possíveis origens do mandonismo e do imaginário político em torno dos feitos do grupo familiar Ribeiro/Vargens/Moura, perpetuadas na memória camacanense. Da mesma forma, buscamos analisar como a constituição daquela cidade foi marcada pelos interesses econômicos e sociais daquela família.

## Referências

ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DA BAHIA. *Deputados por nome*. Disponível em: <<http://www.al.ba.gov.br/v2/biografia.cfm?varCodigo=570>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

CARVALHO, José Murilo de. *Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: Uma Discussão Conceitual*. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0011-52581997000200003&script=sci_arttext)>. Acesso em: 26 jun. 2010.

COSTA, Alcides. *Canavieiras: sua história e sua gente (lendas e festas)*. [s.l.]: Imprensa Oficial da Bahia, 1963. 131 p.

COSTA, Luiz Claudio Zumaeta. *Sociedade e Economia: A presença da CEPLAC em Camacan (1964-1974)*. In: SOUSA, Antônio Pereira; Macêdo, Janete Ruiz; BARBOSA, Carlos Roberto Arléo (Org.). *Cacaicultura: A Ceplac e a Vassoura de Bruxa em Camacan. Cadernos do CEDOC*, Ilhéus, Editus - UESC, v. 8, p. 9-108, 2007.

DIÁRIO DE ITABUNA. *Notícias de Camacã*. Itabuna, 20 jan. 1958, p. 06.

FÉLIX, Loiva Otero. A Fabricação do carisma: a construção mítico heróica na memória republicana gaúcha. In: FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Cláudio P. (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. 1.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998, p. 141-160.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Anuário estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1978. v. 39, 900 p.

GUIMARÃES, Valdirene Silva. *Um Olhar Sobre a Cidade: Camacan (1953 – 1964)*. 2001. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em História Regional) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2001.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 205 p.

HOLANDA, Sergio Buarque de. O Homem Cordial. In: \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 139-151.

JORNAL DA BAHIA. *Camacã: 17 anos*. Salvador, 29 ago. 1978. Edição especial. 8 p.

JORNAL INFORMATIVO CIDADE. *Camacan, sua história e seus desbravadores*. Camacan, Ano 1, n. 6, ago. 2005, p. 05-07.

PARAISO, Maria Hilda Baqueiro. *Caminhos de Ir e Vir e Caminho sem Volta: índios, estradas e rios no sul da Bahia*. 1982. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1982.

PINTO, Maria Joaquina Moura. *Camacã: de pedra alta a grande cidade*. 2004. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Turismo) - Faculdade Olga Metting, Salvador, 2004.

RODRIGUES, David Silva. *Origens do Processo de Ocupação do Território de Camacan*. Trabalho de conclusão de curso (História) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2003.

SÁ, Charles Nascimento. *Os Intelectuais e a Emancipação Política de Camacan*. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em História Regional) – Universidade Estadual de Santa Cruz, 2000.

\_\_\_\_\_. *Festa da Cidade: cultura e turismo na periferia do cacau*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2003.

SANTOS, Renato Zumaeta Costa dos. Contratempos: Cacau e Cacaucultura em Camacan (1980 - 1990). In: SOUSA, Antônio Pereira; MACÊDO, Janete Ruiz; BARBOSA, Carlos Roberto Arléo (Org.). *Cacaucultura: A Ceplac e a Vassoura de Bruxa em Camacan. Cadernos do CEDOC*, Ilhéus, Editus - UESC, v. 8, p. 109-194, 2007.

SILVA, Sylvio C. B. de Mello et al. *O sub-sistema urbano regional de Ilhéus-Itabuna*. Recife: SUDENE/PSU/SER, 1987. 428 p.